

# O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

... ad ea que sunt priora extendens meipsum  
ad destinatum persequor, ad bravium  
triumphi Ecclesie... in Christo Jesu.

AD PHILIP. 13, 14.

**SUMMARIO:** — *Carta Encyclica do nosso Santo Padre Leão XIII aos Bispos da Hungria.* — *Provisão do Em.<sup>mo</sup> Cardeal Bispo do Porto relativa á festividade e procissão de CORPUS CHRISTI.* — **SECÇÃO DOCTRINAL:** *A Aflicção Christi (XXV) A Oração no templo,* pelo rev.<sup>mo</sup> snr. dr. José Rodrigues Cosgaya. — **SECÇÃO CRITICA:** *O abuso das palavras equaldade e liberdade,* pelo ex.<sup>mo</sup> snr. Placido de Vasconcellos Maya; — *A degeneração social,* pelo ex.<sup>mo</sup> snr. Fabrão de Lima; — *Socialistas!* pelo ex.<sup>mo</sup> snr. Dom Antonio d'Almeida; — **SECÇÃO HISTORICA:** *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus,* pelo rev.<sup>mo</sup> snr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz; — **SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL:** *Divorcio «quoad thorum».* — **SECÇÃO LITTERARIA:** *A Maria,* pelo rev.<sup>mo</sup> snr. dr. José Rodrigues Cosgaya; — *No deserto,* pelo ex.<sup>mo</sup> snr. Alvos d'Almeida. — **SECÇÃO ILUSTRADA:** *Eliu encolerisa-se contra Job;* — *S. Norberto, Bispo e Confessor.* — **SECÇÃO NECROLOGICA:** pela redacção. — **RETROSPECTO:** pela redacção.

**GRAVURAS:** *Eliu encolerisa-se contra Job;* — *S. Norberto, Bispo e Confessor.*



ELIU ENCOLERISA-SE CONTRA JOB



## CARTA ENCYCLICA

DO

## NOSSO SANTO PADRE LEÃO XIII

AOS

## BISPOS DA HUNGRIA

*Aos Nossos caros Filhos os Cardeaes presbyteros da Santa Igreja romana — Claudio Vazary, Arcebispo de Estrigonia, Lourenço Schlauch, Bispo do rito latino de Grosscardein, e aos Nossos outros Veneraveis Irmãos os Bispos da Hungria.*

## LEÃO XIII, PAPA

AOS NOSSOS CAROS FILHOS E VENERAVEIS IRMÃOS, SAUDE E BENÇÃO APOSTOLICA

COM justificada razão resolveastes que em toda a Hungria se fizessem festas especiais ao Deus eterno em acção de graças. Se ha, com effeito, uma nação que deva agradecer a Deus, que na sua Providencia sustenta e conserva os reinos com uma grande abundancia de beneficios, é certamente a vossa, que tantos tem recebido no decurso de numerosos seculos e em meio de circumstancias difficeis. Para recordar e celebrar essas graças, offerece-se uma data mui opportuna: é o feliz anniversario da fundação da vossa patria. Estaes, com effeito, prestes a contar o millessimo anno decorrido desde o dia em que os vossos antepassados se estabeleceram e fixaram n'estas regiões e em que começou a historia da Hungria.

Não duvidamos que as festas organisadas por essa occasião tenham bom resultado e sejam fecundas em fructos. Nenhum cidadão dotado do sincero patriotismo pôde deixar de se sentir abalado pelas glorias do paiz commum e de deparar na recordação, publicamente celebrada dos altos feitos dos vossos antepassados, poderosa animação para os incitar. Esses sentimentos serão poderosamente avivados pela adhesão de todas as nações civilisadas que com-

partilham amigavelmente da vossa alegria e prestarão certamente homenagem a um reino fundado sobre boas leis e felizes instituições, conservado graças á sabedoria politica e á coragem militar, e que, por numerosos meios, attingiu esse alto grau d'antiguidade e de grandeza.

A noticia d'esta feliz solemnidade foi para Nós uma das nossas mais vivas alegrias, e nada desejamos mais ardentemente, Veneraveis Irmãos, do que estar de coração e d'espírito, n'essas circumstancias, convosco e com o vosso povo. Este sentimento é sobretudo devido quer á Nossa particular afeição e á Nossa especial sollicitude para com a Hungria catholica, quer á dedicação profunda d'essa nação pela Sé apostolica e por Nós mesmo, dedicação de que Nos tem dado frequentes provas. Principalmente n'estes ultimos annos, Roma tem recebido numerosos Hungaros que, conduzidos por vós segundo os ritos, vieram venerar o tumulo do Principe dos Apostolos. Nós mesmo os vimos dar bellos testemunhos de fé, de submissão e d'amor em nome de todos os seus compatriotas. Não lhes faltou a Nossa benevolencia, bem como as Nossas opportunas exhortações, destinadas a confirmar as almas nos deveres da profissão christã; por outra parte, Nós exprimimos, d'uma maneira especial e minuciosa, os Nossos sentimentos para com toda a nação nas cartas que, por diversas vezes, vos temos dirigido. Agora estimamos recordar-Nos do respeito e da gratidão com que o clero e todas as pessoas de bem receberam essas provas do Nosso paternal affecto, e queremos que de novo esta carta sirva para vos exprimir o Nosso amor; oxalá que ella, com o auxilio de Deus, aumente a alegria e multiplique os benedictos fructos d'essa festa do millenario.

Em toda a sequencia d'acontecimentos cuja recordação vos prepara avivar com solemnidades magnificas, vê-se brilhar d'uma maneira extraordinaria o poder da religião catholica, que é a melhor salvaguarda do bem publico, que traz aos povos ou os ajuda a conquistar vantagens de toda a sorte

Certamente, como affirmam os vossos esclarecidos historiadores, a nação hungara não teria conservado por tanto tempo nem tão felizmente os paizes que havia occupado, se a doutrina e a graça do Evangelho, depois de a ter libertado do jugo da superstição, não a houvesse, guiando-a e adoçando-a, levado a respeitar os direitos das gentes, a não prejudicar ninguém, e praticar a clemencia, a trabalhar pela paz, submissa aos seus principes como a

Deus, seguindo tanto no interior como no exterior as regras da fraternidade.

Na pessoa do vosso chefe Geiza e dos primeiros cidadãos do vosso povo, as primicias da fé catholica foram consagradas entre vós d'uma maneira verdadeiramente admiravel, graças sobretudo á acção do santo Bispo Adalberto, homem a quem illustraram os seus labores apostolicos e emfim a palma do martyrio. Estas primicias foram tanto mais brilhantes que o paiz n'essa epoca estava exposto aos golpes d'um funesto schisma vindo do Oriente. Estevão continuou e acabou a obra de seu pae. Era um principe christão d'uma virtude provada, que cumpriu os designios da divina Bondade para convosco com um grande ardor de coração e d'acção. Elle é saudado mui merecidamente como o mais firme apoio e como a gloria da vossa nação, porque, dando-lhe o beneficio da verdadeira religião, não sómente a tornou apta para conquistar a salvação eterna, que é o maior de todos os bens, mas tambem a enriqueceu, a illustrou e a fortificou por todas as especies de beneficios.

Sob o reinado d'este principe, que com uma grande piedade quiz que o seu sceptro fosse offerecido e consagrado á augusta Mão de Deus e ao bemaventurado Pedro, começou entre os Pontifices romanos e entre os fieis e o povo da Hungria essa longa serie de bons officios, essa mutua afeição que Nós temos já louvado. Esta união encontrou de certo modo um laço eterno e sagrado na corôa real, adornada das imagens de Christo, Nosso Salvador, e dos apostolos, que Silvestre II, Nosso predecessor, enviou de presente a Estevão quando lhe deu o titulo de rei, porque esse principe tinha entre vós espalhado por toda a parte a fé de Christo (Clemente XIII, Papa, allocução *Si qui militari* de 1 d'outubro de 1758). E' um facto digno de ser lembrado e que prova a constancia dos Hungaros na sua submissão á sé de Pedro e ter esta corôa atravessado intacta epochas diversas e perturbadas e sempre olhada e honrada religiosamente como a mais bella gloria do imperio e o seu mais firme sustentaculo. Sob os seus auspicios a Hungria, dotada de recursos sempre crescentes, metten-se no caminho em que marcham os povos da joven Europa christã, e alli levou o character proprio da raça, selido e elevado, merecendo todos os elogios pela sua coragem e humanidade. Entre os seus outros titulos de gloria, deve citar-se o grande numero de homens que, pela santidade da sua vida, pela sua sciencia, pelo realce com que brilhavam nas lettras e nas artes e pelas suas grandes acções se

illustraram a si mesmos illustrando a sua patria.

Emprehendem uma excellente obra aquelles que, como Nós informaram, tirando do silencio e do esquecimento os documentos historicos, trabalham para pôr em evidencia e expôr a todos os olhares durante essas festas, os grandes serviços prestados pela religião. Os documentos que abundam, quer nos vossos archivos, quer nos do Nosso palacio apostolico demonstram com o mais completo accordo um facto que se deve meditar bem, sobretudo na nossa epocha, a saber: qual foi o papel da Igreja no estabelecimento e na applicação do direito publico entre os vossos antepassados: a sua sabedoria, a sua disciplina e a sua equidade espalharam-se em todas as classes da sociedade que de boa vontade a isso se prestaram.

Quanto á liberdade civil, pela qual o vosso povo não cessou nunca de combater, os Pontifices romanos mostraram-se sempre os seus defensores e vingadores, quer por si mesmos, quer pela oração dos fieis, todas as vezes que ella se encontrou em perigo ou se attentou contra ella. Foi o que, outr'ora, se produziu frequentemente, sobretudo quando foi mister repellir os ataques d'inimigos muito encarniçados da nossa fé. Sobre este ponto não ha certamente quem não reconheça que os terriveis desastres que ameaçaram d'um só golpe a maior parte dos povos do Occidente, foram conjurados pela invencivel constancia dos Hungaros. Ninguem ignora, porém, que os Nossos predecessores contribuíram muito para este feliz resultado com o seu apoio pecuniario, com os soccorros que enviaram, as alianças que concluíram e as orações com que imploraram o auxilio do céo. Tal foi sobretudo a tarefa de Innocencio XI, cujo nome é immortalizado pela libertação de Vienna, que os exercitos inimigos rodeavam, e de Buda, vossa capital, brillantemente salva de pois d'uma longa oppressão.

A recordação dos serviços prestados por Gregorio XIII á vossa nação tambem subsiste eternamente. Devido á sêde d'innovações que ali haviam introduzido os povos visinhos, a religião soffria grandes provações. Elle emprehendeu realisar em favor da Hungria, «parte illustre e dilatada da christandade», o salutarissimo designio que já tinha levado a bom porto, com sabedoria e generosidade, em proveito de outras nações. Fundou em Roma um collegio alemão. N'elle deviam ser completamente formados nas sciencias e nas virtudes sacerdotaes jovens escolhidos para lovarem depois ás vossas

egrejas o concurso d'um ministerio fructuoso. E' o que tem feito sem cessar, e, entre elles, muitos desempenham gloriosamente as funcções episcopaes para honra da Igreja e da sua patria.

Estes beneficios e tantos outros simillhantes, que sempre, graças a Deus, manam sobre a vossa nação, estão, e Nós o reconhecemos da melhor vontade, gravados mais profundamente ainda nas vossas almas do que na historia dos vossos avós. E' o que testemunha mais claramente que todos os outros, desde o seculo XV, João Hunyada, do quem a Hungria celebrará sempre a sabedoria e a coragem. Elle afirmou, com uma eloquente gratidão, que: «essa patria, se não tivesse sido apoiada na fé, não toria subsistido pelos seus proprios recursos.» Sob o governo do mesmo Hunyada, as diversas classes da sociedade, n'uma carta commum dirigida a Nicolau V, escreviam: «Tudo quanto somos o devemos principalmente á graça apostolica, que nos tem alimentado e fortificado.» Os seculos seguintes, longe de tirarem valor a estes testemunhos, acrescentaram lhe novos, segundo parece, graças ao augmento do numero dos beneficios.

Um facto se salienta sobretudo na historia dos Hungaros: é que elles se temem esforçado sempre e olhado como o seu maior titulo de gloria manter o seu reino mui estreitamente unido á Sé apostolica, á qual o consagraram particularmente. Alguns actos publicos dão testemunho d'isto; são, quer cartas escriptas com uma vivissima piedade aos Pontifices romanos pelos reis e pelas grandes, quer exemplos de magnifica coragem com que, antes mesmo de lutar contra a invasão dos Musulmanos, a Hungria veio em auxilio da Igreja para defender os seus direitos ou para a vingar dos ultrages dos seus inimigos.

Mas para não alongar, basta citar, como assás eloquente, a troca de bons officios de toda a especie cheia de fé e de respeito d'uma parte, de benevolencia e d'elogios d'outra, que se mutuaram entre o rei Ludovico o Grande e os Papas Innocencio VI e Urbano V.

São dignas tambem de ser lembradas as palavras que o rei Mathias escreveu a Paulo II, que o exhortava a prestar firme apoio á fé catholica, atacada na Bohemia pelos Hussitas: «Consagrei-me todo,— disse elle— e consagro o meu reino á Igreja Romana e a Vossa Santidade. O vigario de Deus na terra ou antes Deus mesmo, nada me póde ordenar, por mais penoso e perigoso que seja, que eu não emprehenda como uma tarefa piedosa e salutar, com intrepidez, sobretudo quando se trata de fortificar a fé catholica e de combater a perfidia dos imperios.

Quaesquer que sejam os inimigos da religião contra os quaes seja preciso marchar, Mathias e a Hungria estarão sempre promptos; são e continuarão a ser sempre dedicados á Sé apostolica e a Vossa Santidade.»

Os acontecimentos corresponderam á expectativa do Papa e ás palavras do rei, e a posteridade encontra n'isso um preciosissimo ensinamento.

Em apoio d'estes factos, e como recompensa da vossa fidelidade, devem ser mencionadas as exhortações numerosas e d'um grande valor de que a vossa nação tem sido julgada digna da parte da Sé apostolica, assim como as honras e os privilegios particulares que esta Sé apostolica tem concedido aos vossos reis. Queremos, porque isso convem á solemnidade actual, citar uma pagina celebre do longo diploma pelo qual o Papa Clemente XIII confirmou, em virtude da sua auctoridade, a Maria Thereza, rainha da Hungria e aos seus successores, o titulo de Soberano Apostolico, que lhes foi dado por privilegio ou por costume. Como seus paes e como seus avós, gozem os descendentes d'estas declarações do Papa:

«O florecentissimo reino da Hungria tem sido sempre julgado e sempre sido realmente muito apto para dilatar os limites da christandade e da sua gloria, quer por causa da coragem d'esta nação muito guerreira, quer por causa da natureza do paiz. Ninguem ignora os numerosos e magnificos esforços que esta nação tem feito para defender e dilatar a religião catholica. Quantas vezes ella tem vindo ás mãos com os mais terriveis inimigos, tem feito, por assim dizer, do seu corpo um baluarte construido contra as invasões d'aquelles que queriam arruinar toda a christandade, alcançando sobre elles as maiores victorias. O renome tem celebrado esses triumphos, que são lembrados por muito illustres testemunhos escriptos. Mas nós não podemos passar em silencio Estevão, o muito santo e corajosissimo rei da Hungria, cuja memoria Nós veneramos, consagrada pelas honras celestes, e que foi collocado no numero dos santos. Os testemunhos da sua coragem, da sua santidade, das suas virtudes subsistem no vosso paiz para eterna gloria da Hungria. Alguns dos seus successores, em todas as epochas, não tem deixado d'imitar esses magnificos exemplos. Por isso ninguem se deve admirar de que os Pontifices romanos hajam sempre cumulado de grandes elogios e de preciosos privilegios a nação hungara, os seus principes e os seus reis, por causa dos grandes serviços prestados por elles á fé catholica e á Sé romana. Entre esses privilegios, um dos mais honorificos é este: quando os reis

apparecem em publico, leva-se deante d'elles a Cruz como uma brilhante insignia do Apostolado, e isto afim de mostrar que a nação hungara e os seus reis não se glorificam se não na cruz de Nosso Senhor Jesus Christo e que tem sempre o costume de combater e de vencer por este signal pela fé catholica.»

Comquanto a recordação de tão grandes homens e de tão gloriosos acontecimentos augmente o brilho das vossas solemnidades, e das vossas manifestações d'alegria, o proprio assumpto que Nós tratamos Nos aconselha que Nos entreguemos a outras considerações solidas e proprias para contribuir poderosamente para o bem commum. E, primeiro, lancem os Hungaros actuaes um olhar sobre si mesmos, e, consciences da gloria que conquistaram os seus antepassados, e considerando além d'isso as circumstancias actuaes, esforcem-se por attingir um fim digno d'elles e do seus paes. Qualquer que seja a vossa condição social, a exhortação do Apostolo dirige-se a vós: «Permanecei firmes na fé, procedei corajosamente e fortificae-vos» (I Cor. XVI, 13.) E' necessario que todos, tendo um só coração e uma só voz, cantem: «Permaneçamos inquebrantaveis na profissão que fizemos d'esperar» (Hebr. X, 23.) «Não lancemos uma nodoa sobre a nossa gloria.» (I Machab., IX, 10.)

Se considerarmos a marcha do século, devemos certamente alligir-nos, Veneraveis Irmãos, por vermos que ha, aqui e ali, homens alimentados ao seio da Igreja, que não honram a religião catholica como ella merece, nem pelos seus sentimentos, nem pela sua vida, que a assemelham quasi a qualquer outra religião, que mesmo a olham como suspeita e a odeiam. Não ha necessidade de dizer quam censuravel é o acto de repudiar, obedecendo a um sentimento indigno, essa magnifica herança de vossos paes, e como é um acto d'ingratição e de imprevidencia ao mesmo tempo não querer reconhecer os beneficios que essa religião lhes tem procurado em todos os tempos e desprezar aquelles que d'ella possam esperar para o futuro.

Com effeito, a sabedoria e as instituições catholicas tem n'ella, como Nós diziamos no começo, uma virtude e uma efficacia admiravel e variada para contribuir para o bem da sociedade. Esta virtude e esta efficacia não enfraquecem com o tempo, mas ficam sem cessar vivas, hoje como outr'ora, e, se não forem abafadas, obrarão sempre utilmente.

Pelo que toca mais de perto ao vosso povo, Nós cremos termo-Nos sufficientemente preocupado d'elle sob o

ponto de vista da religião nas Nossas cartas anteriores, dando-lhe outras provas de solicitude analogas, quer fazendo conhecer os perigos de que deve preservar-se essa religião, quer indicando os meios que lhe asseguram a liberdade e a prosperidade. E como os interesses civis não podem ser separados dos interesses religiosos, Nós Nos empenhamos em dar sobre esse particular soccorros e remedios, o que, por certo, está ligado ao Nosso dever apostolico.

Com effeito, os conselhos e as prescrições que temos dado segundo as circumstancias, tendiam tambem, como vós vos recordareis, em grande parte, ao bem publico e á prosperidade do Estado. Se, sob este aspecto tambem, o zelo e a união das pessoas de bem deve corresponder diariamente mais completamente aos Nossos conselhos e ás Nossas advertencias, porque não acolheriamos a doce esperanza que nos dá este millenario pelo que toca ao feliz cumprimento dos nossos votos communs? Todo o bom cidadão deseja certamente que, tendo desaparecido as causas de dissentimento, a Igreja receba a honra que lhe é devida, e que o Estado tambem encontre a fonte d'um novo brilho na união com a antiga religião e sob a sua direcção. Se assim fôr, a auctoridade dos poderes publicos, os deveres mutuos das diversas classes da sociedade, a educação da juventude exercer-se-hão como convem na verdade, na justiça e na caridade: taes são os fundamentos e os apoios que dão sobretudo aos Estados a gloria e a solidez.

Para fazer reinar entre vós este conjuncto de bens, como reinava entre os vossos antepassados, será muito util que a vossa piedosa affeição para com a Igreja romana, apoiando-se por assim dizer sobre novos auspicios, haura encorajamento no exemplo d'elles. Sabemos que vós formasteis um projecto muito opportuno: nas vossas solemnidades publicas, n'um dia fixado, o venerando diadema d'Estevão será conduzido atravez da vossa capital até ao Parlamento com uma pompa extraordinaria. Nada, por certo, está mais ligado com a gloria da vossa nação e dos vossos reis, nada se liga mais estreitamente ao bom governo do Estado do que esta insignia sagrada do poder real. Mas pôde prevêr-se que d'esta cerimonia dimanarão dois fructos muito preciosos.

O primeiro será que se verá fortalecer-se nas classes superiores da sociedade e no povo a obediencia e a fidelidade para com a augusta Casa de Habsburgo, que usou sempre, para felicidade do reino, esse diadema que vossos paes lhe tinham transferido; o

segundo será que com a recordação dos estreitos laços que uniam os vossos antepassados á Cadeira de Pedro, e que foram ratificados e sancionados por esse dom do Soberano Pontifice, esses laços sejam estreitados e fortalecidos.

A illustre nação hungara sabe que pôde e deve confiar plenamente na auctoridade e na benevolencia da Sé apostolica. Esta, com effeito, não esqueceu nunca as bellas acções praticadas por essa nação; conserva e conservará sempre para com ella os sentimentos d'uma providencia e d'uma bondade maternal.

Se até agora, tanto quanto em Nós cabia, temos concebido e posto em pratica por vossa causa designios cheios de solicitude, possa Deus na sua grande bondade augmentar-lhe o successo de tal sorte que Nós tenhamos a faculdade de servir ainda mais os vossos interesses. Olhe Deus, no meio sobretudo das actuaes solemnidades, com olhares favoraveis o vosso rei Apostolico, a vossa sociedade, o vosso clero e todo o vosso povo! Espalhe-se sobre elles a abundancia dos bens que Elle mesmo prometteu ás nações e aos reinos que guardem a justiça e a paz. Abençoe-vos Elle tambem, a vossa grande padroeira, a Virgem Maria, assim como Estevão e Adalberto, que foram vossos reis Apostolicos e que são agora vossos padroeiros celestes; espalhe sobre vós a sua salutar tutela, tão grandemente experimentada por vossos avós, uma abundancia crescente de felizes fructos.

Um voto especial ajuntamos a estes com particular affeição. E' que todos os cidadãos que estão hoje unidos como irmãos por um mesmo amor da patria commum e por occasião d'essas acções de graças publicas, estejam tambem unidos um dia n'uma só e mesma fé no seio beindito da Igreja, sua mãe.

Quanto a vós, Veneraveis Irmãos, continueis, como fazeis, a empregar todo o vosso zelo, toda a vossa vigilancia para prestar excellentes serviços ao vosso povo e ao Estado. Como penhor dos favores celestes, e em testemunho da Nossa particular benevolencia, recebei a Benção Apostolica que concedemos com muita alegria e affeição a cada um de vós, assim como a toda a Hungria.

Dado em Roma, junto de S. Pedro, no 1.º de maio de 1896, decimo novo anno do Nosso Pontificado.

LEÃO XIII, PAPA.

## Provisão

**D. AMERICO.** *Cardeal Presbytero da Santa Igreja de Roma. Ferreira dos Santos Silva. do título dos Quatro Santos Coronados, por graça de Deus e mercê da Santa Sé Apostolica Bispo do Porto, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima. Par do Reino. Grã-Cruz da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Vicosa, e Commendador da de Christo, etc.*

*Ao Em.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Cabido, Reverendos Parochos, Clero e mais Fieis d'esta Nossa Diocese, Saude, Paz e Benção em Jesus Christo Nosso Senhor e Salvador.*

**FAZEMOS** saber a todos os habitantes d'esta Cidade e seus suburbios, que a Ex.<sup>ma</sup> Camara Municipal tem determinado celebrar a Festividade de CORPUS CHRISTI com a costumada Procissão solemne no seu dia proprio, 4 de Junho proximo.

Ao considerarmos a festival pompa, com que este acto da nossa Religião é sempre acolhido pelos Nossos Diocesanos, e ao ponderar a significação que em si importam as expressivas demonstrações do culto, com que o recebem, occorre-Nos ao espirito a instructiva passagem do Evangelho, conhecida pela designação dos dous discipulos d'Emanz.

Iam estes em jornada andando em caminho, quando Jesus Christo em pessoa lhes sahiu ao encontro, e os foi acompanhando, com elles discorrendo sobre a morte e gloriosa Resurreição do Filho de Deus, que elles tanto desejavam e ainda se não resolviam a acreditar: *mas os olhos dos dous estavam como fechados para o não conhecerem.*

Chegados, porém, que foram ao seu destino, e entrados na mesma casa, *Jesus sentado com elles á meza, tomou o pão e o abençoou, e tendo-o partido lh'o dava. No mesmo tempo se lhes abriram os olhos e o conheceram.* Destizeram-se-lhes então as duvidas, cessaram as hesitações, e foram proclamando *como conheceram a Jesus ao partir do pão.* (Evang. de S. Lucas Cap. 24).

Se a consagração da Eucharistia é prodigio tão privativo de Deus, que por ella se abriram os olhos aos discipulos de seu Filho, e estes conheceram ser Jesus Christo quem os ensinava, tambem é pela adoração da mesma Sagrada Eucharistia que nós affirmamos a nossa Fé Catholica, e que Jesus Christo nos reconhece como seus verdadeiros discipulos.

D'esta firme crença vamos dar testemunho publico e professar que, sobre nossos altares e dentro de nossos taber-

naulos, está o verdadeiro Corpo e Sangue do Filho de Deus, rendendo-lhe o mais submisso culto que á creatura é dado prestar ao seu Creador. E porque aos ministros do Sacrificio mais estreitamente incumbe o dever de protestar a todos, quanto é real a oblação por elles offerecida para resgate dos homens, de todos esperamos exemplar porfia em concorrerem a esta solemne Procissão.

Comparecerão a ella todos os Ecclesiasticos de prima tonsura, ordens menores e sacras, que n'esta Cidade se acharem, quer domiciliados quer de passagem, e os de uma legoa em roda; e apresentando-se na Sé Cathedral pelas 4 horas da tarde, darão seus nomes ao Rev. Escrivão da Camara, que relacionará os que cumprirem este dever. Se, porém, algum Presbytero, embora Parocho, estiver legitimamente impedido, justificar-o-ha perante Nós até á antevéspera do dia da Festividade, em requerimento, cujo deferimento mandará apresentar ao mesmo Rev. Escrivão, para igualmente Nos dar conta dos que faltaram.

Observando fielmente a Constituição diocesana, trajarão a sobrepeliz e habito determinado pelo rito e Pastoraes dos Nossos Antecessores, e os Reverendos Parochos tomarão capa d'asperges sem estola ao sahir a Procissão, e deputarão dous cantores para os Hymnos e Psalmos costumados.

Caminharão todos com a gravidade e religiosa modestia propria de tão augusto acto, irão os de cada freguezia debaixo de sua respectiva cruz, acompanhando a Procissão desde a saída da Sé até completar o giro do regresso dentro da mesma, e muito confiamos que nenhum dará o reparavel escandalo de a abandonar durante o transito.

Esta Provisão será lida logo depois de sua recepção á estação da Missa Conventual, e os Reverendos Parochos darão d'ella conhecimento ao Clero da sua freguezia, e Nos enviarão uma relação dos que foram avisados, dous dias antes da Procissão, certificando-Nos de que assim o cumpriram.

Dada no Porto e Paço Episcopal sob Nosso signal e sello aos 23 de Maio de 1896.



AMERICO, CARDEAL

BISPO DO PORTO

Conego Manoel José Gonçalves Corrêa e Sá, Secretario.

## SECÇÃO DOUTRINAL

### A Milicia Christã

XXV

A ORAÇÃO NO TEMPLO

**A** oração um impulso que nos impelle para Deus; quanto mais forte nos aproxima mais, e quanto mais perto de Deus nos vêmos, mais venturosos somos.

Este impulso não pôde proceder de cousa alguma corporea, porque o corporeo tende ao fundo e Deus reina nas sublimes eminencias do ser: nem da sensibilidade que o sensível ambiciona, no sensível se recreia e ali descança: mas os sentidos são os naturaes auxiliares da nossa intelligencia, no interim da nossa peregrinação n'este mundo, e por isso, quando elles, perturbados pela paixão, são um obstaculo enorme para a razão, que tende a elevar-se ao reino das abstracções onde descobre o verdadeiro, o bom e o bello; mas quando bem guiados lhe sorvem d'aliciente, para ella ir mais longe e mais placidamente nas suas nobres elucidacões: assim é que, quando estes se recreiam na exterior magestade e nos ornatos apparatusos do templo, na musica, que ali se executa, nos hymnos, que ali se cantam, nas lampadas, ali accesas, no incenso, que ali se queima, nos lustros, que ali brillam, nas flores, que aquelle logar perfumam, e nas imagens, que ali se adoram, a nossa mente mais longe vae nas suas mysticas aspirações, com mais facilidade as descobre, as estuda e as contempla.

E', pois, o templo o logar mais apropriado para a oração, porque ali tudo ajuda a oração, a presença das imagens, que em aptidão devota se levantam sobre os altares, o silencio, que ali reina, os exemplos que se palpam e mais ainda a presença de Deus ali, se não mais certa, que em todo outro logar, mais solemne, mais d'alto relevo, mais insinuante, porque ali não está sómente como creador e sustentador do mundo visivel, está tambem como redemptor dos homens.

Nunca as creanças estudam melhor que na presença do mestre, na propria escola, onde a auctoridade se impõe e o silencio reina.

Ali, no templo, a magestade do Divino Mestre impõe-se, e não se ouve o barulhento negociar do mundo.

Devemos e podemos orar em toda a parte, e com devoção; porque Deus está presente; mas no templo nem de outra cousa nos deveremos occupar; porque Jesus disse: *— a minha casa, casa d'oração dir-se-ha.*

Desconfio dos que me dizem, que, para orar, não precisam ir ao templo; porque se não oram onde a oração é mais fácil, como hei de acreditar que a sabem fazer onde se torna bem mais difficil?

Em nenhuma parte escrevo tão a meu bel prazer como na minha escrivania, tudo ali me sae melhor e em qualquer outro lugar muito mais me custa, e me sae peor obra.

Cada cousa no seu lugar melhor parece, mais geito têm, melhor assenta.

A presença de Jesus ali Sacramento pelo nosso amor é mais que bastante para avivar a nossa fé, aquecer a nossa caridade e tornar mais risonha a nossa esperança; a fô e a esperança são as azas, a caridade o alento da oração.

Se ainda ali nos estorvam, para bem orar, os cuidados domesticos, os negocios e prazeres do mundo, em meio d'este quanto mais?

Os que em toda a parte sabem orar como convém, no templo fazem oração melhor e com mais gosto. E' ali o lugar da oração por excellencia, e os que em outro sitio não se lembram, oram ali e os que ali não oram é que não sabem orar.

Triste cousa é ter fome, não ter pão e não o saber pedir, e n'essa sorte contaremos os que não sabem orar; por que todo o mortal precisa mil cousas no temporal e tudo no sobrenatural, a que aspira, que sómente de Deus as pôde haver, e se não as sabe pedir ficará com fome d'ellas.

Felizes os que frequentam a casa da oração e ali sabem orar! Mas para isso hão de antes de lutar e saberem vencer a preguiça, a soberba e os respeitos humanos, que são outros tantos obstaculos, que se tocam n'esse glorioso caminho das preciosas conquistas. E' necessario ir na milicia christã.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAVA.

## SECÇÃO CRITICA

### O abuso das palavras egualdade e liberdade

**E**STAMOS acostumado a ouvir todos os dias os republicanos, e outros que dizem não o ser, mas que têm as mesmas manhas e que se enfeitam com o nome de democratas, sem saberem, a maior parte das vezes, o que seja democracia, pronunciarem de *papo* as duas phrases que nos servem d'epigraphe, como se ellas representassem e exprimissem dois principios absolutos e

fundamentaes a que se devessem subordinar todos os actos sociaes. Como isto é absurdo, cumpre que nós, na qualidade de jornalista, tratemos de desmascarar este embuste, com que os revolucionarios pretendem engodar as gentes ignorantes e de boa fé.

A palavra *egualdade*, de que tanto abusam os revolucionarios, tem uma significação restricta e limitada pela Lei de Deus e pelos Costumes da paz social: assim, basta observar as leis naturaes, para se reconhecer a falsidade e a exagerada significação que lhe pretendem dar; com effeito, por toda a parte se manifesta a lei da desigualdade estabelecida por Deus e por toda a parte se pôde observar a maneira como ella se desenvolve por meio do livre arbitrio, e o quanto ella é indispensavel á boa ordem social. A palavra *liberdade* exprime o uso de certas faculdades legitimas; mas o abuso faz com que, muitas vezes, ella seja empregada para louvar ou encafeçar ideias e actos condemnados pela Lei de Deus e dos Costumes da paz social.

E' necessario, pois, varrer da atmosfera scientifica esta serração do erro que a traz envolvida, occultando por meio da refração a luz fulgurante da verdade: existe um unico principio absoluto a que estão subordinadas todas as relações do homem com a sociedade, e d'esta com aquelle: é a Lei de Deus ou o Decalogo; e que o fim supremo da sociedade é a virtude. Tudo o mais são principios relativos e factos secundarios, que variam com o tempo, com o lugar e com as pessoas.

Do que fica exposto conclue-se, necessaria e logicamente, que a *egualdade* e a *liberdade* não são principios solidos e fundamentaes, em que se possa estabelecer uma sociedade regular e estavel; e que quem pretender edifica-la em alicerces tão frageis nunca conseguirá consolidal-a.

Estamos justamente no caso dos revolucionarios, que pretendem reformar as antigas sociedades fóra da Lei de Deus e dos Costumes da paz social, com applicação de mesinhas e panaceas da sua invenção: convencidos de que o espirito de novidade terá a mesma fecundidade na ordem moral, como a tem na ordem material. Mera illusão, que faz tomar a nuvem por Juno! Já em outros artigos mostramos a falta d'analoga que existe entre a ordem moral e a ordem material, e que se o espirito humano tem, no mundo material, um campo inexgotavel ás especulações da sua razão, no mundo moral acontece justamente o contrario; pois que o Decalogo eterno fixou as regras que definiram com precisão todas as relações moraes do homem com Deus e com a sociedade, e d'esta com o homem.

Os factos de todos os tempos confirmam esta verdade.

Os povos que respeitam as tradições da sua raça e obedecem voluntariamente á Lei de Deus, conservam-se prosperos e felizes; taes são, em primeiro lugar, a Inglaterra, o 1.º modelo das nações; em segundo lugar a Russia. Pelo contrario, os povos que vão procurar a cura dos seus males no formulario revolucionario, e na panacéa do espirito de novidade, cada vez aggravam mais os seus padecimentos, e de queda em queda têm chegado á extrema decadencia moral; como exemplo, alli temos a pobre França debatendo-se n'uma crise medonha, que deu principio em 1789, e ainda dura e durará até que se desengane e lance fóra a albarda, que lhe lançaram os revolucionarios, e que com tanta resignação como abjecção tem soffrido até hoje.

Vejam-se no espelho do Brazil que é edificante; vejam, os que têm olhos para ver, o estado desgraçado a que, em seis annos apenas, a administração republicana tem reduzido aquelle paiz. Vejam o estado do cambio, a que nunca havia chegado!!!

Vejam o augmento prodigioso que teve a divida publica durante estes seis maldadados annos; passa já de novecentos mil contos (900.000.000.000) Pasmem!!!

PLACIDO DE VASCONCELLOS MAYA.

### A degeneração social

**D**IA a dia vae degenerando a sociedade, envergonhando os que de novo vêem as honrosas e gloriosas tradições dos seus antepassados, que tem o cunho d'uma tenacidade de ferro, alliada ao heroico valor de corações destemidos.

Antigamente eram respeitadas todos os principios; contra as leis não havia argumentos.

Hoje, a cada passo se encontra um protesto, em qualquer parte um conspirador perdido.

Eis como caminha a maioria da sociedade d'hoje, sem crenças, só com garras aduncas constantemente dirigidas para a presa, que de momento para momento vae desfallecendo e exaurindo.

Reconheceram decerto já a presa: essa é a civilização; vae morrendo lentamente n'este seculo perdido.

Antigamente, de paes a filhos se transmittiam os principios religiosos, base essencialissima d'uma boa organização social, e os netos tendo aberto o caminho, seguiam-n'o sem vacillar.

Hoje, vive o pae na placidez das suas crenças, mas o filho lança já aos quatro ventos, nos comícios, as suas idéas avançadas, perfeitamente oppostas, ou parodia com um descaramento sem igual, actos que de per si se impõem ao respeito publico.

Antigamente, a religião era o sacramento magnifico onde se guardavam as crenças fieis; hoje a moderna sociedade envergonha-se de ser catholica, e o operario, o misero, o desgraçado sem pão, sem arrimo, sem luz, já não vae à igreja receber a desposada, nem baptisar os filhos; registra nas administrações o casamento ou o nascimento, e assim vive civilmente, desgraçadamente ao abrigo da lei. Assim educa o filho, assim educa o neto, assim vae constituindo esses embryões das novas camadas sociais, que, dispersas pela terra, vão, correcta e muito augmentadamente, advogar taes principios, proclamar taes doutrinas!

Infelizmente, não raro é ler-se nos jornaes mais um registro civil de casamento ou baptismo d'operarios.

Pois bem; quem muito pacatamente se dirigisse a esses infelizes e lhes perguntasse: quem te ensinou a pensar assim, desgraçado? certamente não foste tu, porque os conhecimentos que possues não podiam levar-te á pratica de tal loucura, porque infelizmente são diminutissimos; certamente foi alguém que te ensinou.

Não te recordas bem dos teus maiores, que nas luctas incessantes pela existencia, que já então havia, tinham o lenitivo, encontravam o allivio, ajoelhando deante da imagem do Crucificado implorando misericordia? nunca te disseram que tua mãe chorosa, no momento em que o operariado atravessava crises terriveis, que não podem comparar-se com as actuaes. foi tantas vezes prostrar-se com todo o fervor deante da imagem santa da Virgem, e banhada em lagrimas lhe pediu soccorro para tantas desgraças?

Não te disseram nunca que as crises se foram lentamente apagando e, que o operariado foi vivendo relativamente bem, até ha muito poucos annos?

Não assistes agora a tantas misérias e desgraças, tu que impavido e fanfarrão podes transpor sem custo as portas d'uma administração, e preferes a figura sinistra do agente da justiça, do que a imagem sublime do Agente de Deus?

Pois sabe, desgraçado, que toda esta crise por que passas, é em parte devida ás tuas loucuras, á falta de crença e de fé no Altissimo.

Trocaste a religião que te ensinaram desde o berço, a vida santa e consoladora d'uma existencia sem macula, a vida nomada da infamia e da desgraça.

Trocaste o templo augusto do catholicismo pelas humildes mansardas, deixae-me chamar-lhe assim, onde estão installadas as repartições policiaes, e sem pejo, assistes bem á confirmação do teu casamento ou do baptismo do teu filho, sem que o sacerdote da Igreja christã, o ministro de Christo venha abençoar essa união ou esse nascimento, sem ficardes todo pertencendo ao rebanho d'Esse justissimo Pastor.

Pois olha, misero, fica sabendo que és duplamente criminoso:

por ti no casamento, porque não só te perdes, mas tambem arrastas a tua companheira, talvez creada, quem sabe, em atmosphera mais limpida, em escola mais moralisadora;

por teu filho no baptismo, porque não contente com as tuas loucuras, vaes sacrificar um innocente aos infames caprichos da tua razão desvairada.

FALCÃO DE LIMA.

## Socialistas!

**LE** *Siccle*, que é publicado em Paris e tido como órgão mais auctorizado na imprensa revolucionaria, por isso que sustentando revolução não quer que ella vá até aos seus logicos ultimos excessos, aquelle periodico publicou no dia 5 de maio de 1895 o seu primeiro Paris occupando-se dos socialistas e provando como estes estão desunidos entre si e procurando passar no publico por unidos, embora entre elles se dê uma guerra viva, reciproca e conhecida, dos maiores improprios; só os une o intuito e os esforços para destruir a verdadeira ordem e para implantar o dominio da completa desordem que os mesmos chamam reforma social. E' certo e sobejamente provado: que a verdade une e que o erro de toda a especie desune, como se está vendo nos socialistas, salvo, repetimos, na guerra feita aos principios eternos, que conduzem ao respeito e obediencia á vontade de Deus! Quando foi a communa de Paris, do pessoal de todas as redacções dos jornaes publicados ás margens do Sena só um jornalista foi victima dos communistas e era elle um dos redactores do *Siccle*; este *sic* não é unico na historia da revolução a respeito dos seus coriphens, como se deu com *Robespierre* e outros, e não se verificou em *Mirabeau* porque morreu de morte natural antes que pudesse ser morto pelos agentes do Terror; o diabo dá o pago a quem o serve, diz o dictado. Os socialistas apresentam-se como os elementos fundadores de uma nova sociedade, pretendem edificar, mas só se apresen-

tam com a ferramenta de ruina e destruição; o mundo moral é para os socialistas objecto de odio satanico, tanta é a sua ignorancia e corrupção. O triumpho completo dos socialistas apresentaria, como a maior collecção de bestas ferozes, a humanidade; é impossivel porém, mas o incompleto tem produzido e vae produzindo horrores! Mas Deus não pôde ser vencido, e Deus não abdicou, como disse com criterio theologico Monsenhor e depois Cardeal *di Luca* e lh'o ouvimos quando Nuncio Apostolico em Vienna d'Austria. A impiedade, o atheismo, são por maneira tão diabolicamente loucos que se propoem levar Deus de vencida! Que a sociedade actual carece de reforma todos o affirmam e até os proprios socialistas e os outros filhos da maçonaria-revolução; porém toda aquella gente só é capaz para destruir e incapaz para reformar, como sobejamente está provado. A reforma da sociedade só pôde ser verificada pelo «*Omnia instaurare in Christo!*» como foi auctorisadamente dito pelo Reverendo Padre Felix n'uma das suas conferencias na cathedral de Paris!

DOM ANTONIO D'ALMEIDA.

## SECÇÃO HISTORICA

### Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

(Continuado da pag. 101)

CCLIV

P. Nicolau Schmith

**N**o seculo passado a Hungria nos apresenta um homem de genio superior, eminente em virtudes, na Companhia de Jesus, que em todas as epochas produziu em seu seio innumeraveis sujeitos d'esta qualidade: é o P. Nicolau Schmith, nascido em Oedemburgo. Depois que abraçou a regra de Santo Ignacio votou-se inteiramente ao serviço de Deus e á cultura das sciencias.

Conhecida geralmente a sua grande capacidade, foi encarregado por seus superiores de ensinar varias sciencias nos collegios da Ordem, principalmente bellas lettras e theologia, o que elle desempenhou com manifesta distincção.

Ultimamente regeu o collegio de Tirnau, onde falleceu no anno de 1767, amado e estimado de todos pelas optimas qualidades moraes que o adornavam.

O P. Nicolau Schmith deixou obras de grande merecimento sobre theologia

e historia. Merece especial menção a sua *Historia dos imperadores ottomanos*, desde a tomada de Constantinopla até o anno de 1718: é a melhor historia da Turquia que até então se tinha publicado.

Dizemos até então, porque ha uma historia moderna d'este imperio escripta pelo conde de Salaberri, fallecido em 1847, mais completa que a do jesuita. Mas, exceptuando esta, nenhuma obra d'este genero pôde compararse com a do P. Nicolau Schmith. É um monumento precioso na materia e na forma.

Admira-se na historia d'este jesuita uma vasta erudição, pureza e elegancia de estylo. É escripta em latim, constando de 2 volumes *in folio*.

Já do mesmo assumpto tinha tratado o P. Francisco Keri, jesuita; e a obra do P. Schmith pôde considerar-se como a sua continuação.

—  
CCLV

P. Francisco Keri

Como se viu no cap. antecedente, este jesuita tambem escreveu, entre outras obras, uma *Historia dos imperadores ottomanos*, que foi continuada por Nicolau Schmith. Francisco Keri distinguuiu-se pela variedade de seus conhecimentos em philosophia e mathematica, e pela sua grande piedade.

Contribuiu poderosamente para aperfeiçoar o telescopio, e immortalisou o seu nome na astronomia. Em poucas palavras se diz tudo: o famoso sabio Cassini, seu contemporaneo, chamou-lhe o *Mecenas das sciencias*.

N'uma carta que lhe escreveu a 15 de julho de 1761, diz o grande astronomo: «Vós possuis immensos thesouros em litteratura; vós tendes monumentos eternos; e eu desejaria que vós tambem fosseis eterno, para felicidade da sociedade, para o bem da religião e para o progresso das sciencias.»

O mesmo Cassini foi visital-o a Tirnanu, onde admirou o seu talento e a sua dedicação ás sciencias.

Só resta dizer que o jesuita Francisco Keri era natural da Hungria, nasceu nos principios do seculo XVIII e falleceu em Buda, no anno de 1769. Foi, portanto, compatriota e contemporaneo do antecedente.

(Continua.)

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

## SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL

### Actos da Santa Sé

#### Divorcio (quoad thorum)

No anno de 1861 Francisco contrahiu matrimonio *in facie Ecclesiam* com Estanislau. Pouco depois surgiram desgostos e questões. Foi tal a má vontade que isto produziu na mulher contra o marido, que resolveu pedir divorcio, quanto ao thalamo, mutua cohabitação e mesa, allegando sevicia, molestias na vida commum e adulterio.

Instruido o processo pelo tribunal ecclesiastico de V., ouviram-se as testemunhas apresentadas pela demandante. Apesar do demandado negar tudo, as suas afirmações não tinham força sufficiente para desvirtuar as declarações das ditas testemunhas. A sentença que aquelle tribunal ditou foi haver logar para a separação de mesa e thalamo dos conjuges indefinidamente, por culpa do marido demandado.

Este appellou para o Juiz Apostolico da segunda instancia de Dublin, o qual, examinados os autos, revogou a sentença do inferior, por falta de fundamento sufficiente, impondo aos conjuges a obrigação de continuarem a viver como casados em boa paz e christão amor.

Da segunda sentença recorreu a mulher para a Santa Sé, e convidado o Arcebispo de V. a emittir parecer, disse: que pela sua parte sustentava a sentença ditada pelo seu antecessor, reputando-a justa e fundada no direito canonico.

Allegadas em juizo contradictorio as razões por uma e outra parte, perguntou-se á Sag. Cong. se a sentença do Juiz Apostolico de Dublin devia ser confirmada ou revogada, e em 14 de junho de 1885 dignou-se responder que devia ser confirmada.

#### DEDUÇÕES

1.<sup>a</sup> No foro ecclesiastico não se admittem causas de divorcio que não sejam gravissimas e evidentissimamente demonstradas, porque nada mais contrario ao direito, nem mais prejudicial á sociedade do que dissolver a communiidade da vida matrimonial, sancionada pelas leis divinas e humanas.

2.<sup>a</sup> Para que tenha logar o divorcio, é necessario que haja causa justa e legitima, por exemplo odio implacavel, sevicia grave ou outra causa parecida, que faça temer fundadamente pela vida d'algum dos conjuges.

3.<sup>a</sup> Causa legitima de divorcio é o

adulterio provado sufficientemente, porque «Deus permittiu despedir a mulher por causa de adulterio, em pena de ter faltado á fidelidade, e em premio do que a observou, o qual não está obrigado a pagar o debito ao que faltou áquella.»

4.<sup>a</sup> A sevicia deve ser grave, proveniente de muitos e repetidos actos; o odio, se o ha entre os conjuges, ha de ser de tal natureza que não dê já esperanza de reconciliação.

5.<sup>a</sup> No caso que se ventilava, não pareceram á Sag. Cong. provados em devida forma os motivos allegados pela demandante, e confirmou se a sentença do Juiz Apostolico de Dublin.

## SECÇÃO LITTERARIA

### A MARIA

(UMA CARTA)

A ti, Virgem veneranda,  
Em demanda—von d'amor,  
Vós sois rica, santa, e nobre,  
Eu sou pobre—e peccador.

O vosso amor é divino,  
Meu destino—suspirar,  
E o vosso amor não resiste  
Nunca ao triste—consolar.

A mãe terna e compassiva  
Nunca esquiva—a dilecção,  
A quem triste suspirando  
Vai rogando—compaixão.

E menos a quem declara  
Que a mãe cara—já não tem,  
Que os suspiros seus amantes  
Soube em antes—ouvir bem.

E eu que triste, sem mãe erro  
No desterro—por aqui;  
Conheço minha esperanza  
Que descança—toda em ti.

E alegre estou por instincto  
Quando sinto—certo ardor  
Qué n'esta mente me pinta  
Mais distincta—aquella flor.

Pois essa flôr illusoria  
Cá na historia—natural,  
Lá dos astros por encima  
Sei que prima—e é real.

E por isso, Virgem, tenho  
Todo o empenho—em a guardar,  
Porque brisa me assegura  
Sempre pura—e salutar.

E contigo sempre trato  
Triste ou grato—tudo assim,  
Como um filho á mãe fallara,  
Mãe sois cara—para mim.



S. NORBERTO, BISPO E FUNDADOR

Triste fallo, ou já contente,  
Como sente—o coração  
Pois as flores d'esta rima  
São a estima—e gratidão.

E por bella a tenho e rica  
Se te explica—o meu amor;  
Que se pobre vale pouco,  
Nada topo—em mim moelher.

A linguagem mais singella  
Fé revela—na oração,  
Mais apreço e confiança,  
Mais privança—e submissão.

E uso d'ella pelo tanto  
Quando canto—em teu louvor,  
Que mais busca em toda a parte  
Que agradecer-te—o trovador?

Quando fallo assim comigo  
Não mendigo—esse ouropel  
De caduca bagatella  
E que atrela—a esta Babel.

Vou buscado, mãe querida,  
Acolhida—achar em ti,  
Venho buscar teu amparo  
Que tão caro—conheci.

Buscando vou que me ajude  
As virtudes a buscar.  
Porque sem ti quem atina  
Essa mina—a registrar?

Se tu por mim te desvelas  
Eu em ellas—viverel;  
Mas sem ti, consolo nosso,  
Nada posso—nada sei.

E como sei que preciso  
Teu sorriso—ben-feitor,  
Eu louvar-te promettera  
Com sincera—voz d'amor.

E um encanto em ti fulgura,  
Virgem pura—sem rival,  
Que a louvar-te determina  
Na campina—terrenal.

Sem mais premio ou recompensa  
O que pensa—em teu fulgor,  
A ti corre sem mais arte  
A louvar-te—com amor.

E tu farás que te cante  
Sempre amante—com prazer,  
Este filho que annuncia  
Teu, Maria—sempre ser.

Porto, 21 d'agosto de 1875.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

## NO DESERTO

Quando entrares na Igreja  
Que o respeito em ti se veja.

A Dança é um incentivo  
Ao appetite... lascivo.

Se não queres ser iniquo  
Olha o pobre como o rico.

Quem não faz o que aconselha:  
Ao que mento se assemeilha.

Na sabença que não crê  
Mora o cego que não vê.

O monarcha não altera  
A lei da morte que o espára.

Quem não sonda o pó da cova  
Não segue o sol da lei nova.

Em saber o fidalguia  
Ha muito alarde hoje em dia.

Não ensines a ninguem  
O que a ti te não convem.

Cá sobre a esfera mesquinha  
Tudo ao nada se oncauninha.

A descrença é um tyranno  
Que detesta o genoro humano.

«Cumpra á risca o teu dever,  
«Succeda o que succeder.»

Não busques satisfação  
Onde não ha perfeição.

Respeita o catholicismo  
No sancto do christianismo.

Mal haja o que sobre a terra  
Primeiro fallou em guerra.

Elege um governo crente,  
Mais recto quo transigente,

Nas cinzas do cemiterio  
Poasemos um pouco a serio.

O que occulto nos convem  
Não se descobre a ninguem.

Tom a alma aparelhada  
Para a eterna jornada.

Se a loucura meditasse  
Talvez que um dia acabasse.

Da criminosa descrença  
Provem a torpe li'ença.

O sabio ensurberbecido  
E' um louco envilecido.

ALVES D'ALMEIDA.

## SECÇÃO ILLUSTRADA

### Eliu encolerisa-se contra Job

(Vid. pag. 111)

Os amigos de Job, vendo-o n'aquelle lastimoso estado, querem que o pobre Job considere como uma

illusão a ideia que faz da sua innocencia, e asseveram-lhe que o desgraçado só o é por ser criminoso. Job, pelo contrario, sustenta que os impios muitas vezes gosam na terra (o que é verdade) uma longa prosperidade, e o crime fica impune, porque Deus reserva a sua justiça para a outra vida. Como elle persevera n'este sentimento, Sophar, Eliphaz e Baldad, os seus tres amigos, deixam de lhe responder e obstinam-se em não acreditar na sua innocencia.

Então Eliu, joven Idumen, filho de Barachel, descendente de Nachor, irmão d'Abrahão, enche-se d'indignação e toma á palavra. Encolerisa-se contra Job e afirma que o santo patriarcha quer justificar-se accusando Deus. Exagera certas expressões de Job e exprobra-lhe o ter duvidado da justiça divina e ter peccado na defeza que apresentava por soberba.

Então, para terminar a discussão, apparece Deus, e do meio d'um redemoinho mostra áquelles homens, que tem a petulancia de medir o seu poder e de dictar leis á sua justiça, qual a distancia que vae da creatura ao Creador.

### S. Norberto, Bispo e Confessor

(Vid. pag. 119)

S. Norberto, filho do conde de Genneb, nasceu em 1080, na cidade de Santen, ducado de Cleves.

Nos seus primeiros annos deu-se intimamente ao mundo e aos prazeres.

Foi provido n'uma prebenda da egreja de Santen, e chegou a tomar ordens de subdiacono, resolvido, por amor á libertinagem, a não passar além.

Mais tarde o imperador Henrique, seu parente, nomeou-o seu primeiro cappellão, e depois Bispo de Cambray; mas recusou o bispado, não por virtude, mas por não querer mudar de vida.

Mas o Senhor resolvera fazer d'elle um vaso d'eleição.

Norberto ia um dia a cavallo, seguido apenas d'um pagem, a uma aldeia de Westphalia, chamada Freten, e o céu, que até então estava sereno, encobriu-se de repente. Uma forte tempestade, seguida de relampagos e trovões, espantou o cavalleiro e o pagem. Estavam a deliberar os dois se deviam retroceder, quando um raio caiu aos pés do cavallo de Norberto, fendeu a terra e derribou o cavalleiro, que deixou enterrado até meio do corpo. Norberto esteve quasi uma hora sem sentidos, até que voltando a si, levantou-se, poz-se de joelhos e erguendo os olhos e as mãos ao céu, exclamou, como Saulo: «Senhor, que quereis que eu faça?» Pareceu a

Norberto que uma voz interior lhe dizia: «Deixa o mal e segue o bem.» Retrocedeu então, resolvido a mudar de vida, retirou-se a Santen e contentou-se em fugir de todo o peccado e em trazer um aspero cilicio debaixo do habito.

Mais tarde retirou-se ao mosteiro de Sigeberto, governado pelo abbade Canon, que foi Bispo de Ratisbona, e ali completou-se a sua conversão.

Recebeu então as ordens de diacono e de presbytero do Arcebispo de Colonia, retirando-se para a abbadia de Sigeberto afim de se dispôr a celebrar a sua primeira missa, o que só fez depois de quarenta dias de rigorosa penitencia.

Foi ter com o Papa Gelasio II a S. Gillos, no Languedoc, a quem fez uma confissão geral. O Papa quiz conservar-o junto de si, mas Norberto supplicou-lhe que lhe permittisse seguir a direcção que Deus lhe imprimira d'ir prégar por toda a parte a penitencia.

Percorreu com dois companheiros, apesar do rigor do inverno, o Languedoc, a Guienna, o Poitou e o Orleanez, prégando por toda a parte com muito fructo.

Bartholomeu, Bispo de Laon, levou Norberto para a sua diocese afim de reformar uma das principaes abbadias; mas a opposição que o santo encontrou foi tal, que o desoneraram em breve da sua commissão.

O Prelado propoz-lhe a escolha d'uma solidão, onde poderia edificar um mosteiro e formar discipulos. O santo accitou a proposta. Foi para um valle muito deserto e esteril, chamado Premonstrado, na floresta de Coucy, onde encontrou uma capella quasi arruinada e alli passou a noite. O Prelado assegurou-lhe a posse da capella, e S. Norberto foi buscar ao Brahante treze companheiros, dando-lhes o habito branco, elaborou constituições cheias do espirito de Deus e estabeleceu esse novo instituto de conegos regulares. Começou este santo estabelecimento em 1121, onde o santo viu em poucos annos mais de oitocentos religiosos e oito celebres abbaes da sua ordem.

O conde de Champagne pediu a S. Norberto que o acompanhasse á Allemanha. Tendo chegado a Spira, onde estava o imperador, encontrou-se com os deputados da Egreja de Magdburgo, que pediam um Bispo. O abbade de Premonstrado foi unanimemente indigitado pela côrte. Recusou, mas de nada lhe valeu a recusa; foi guardado á vista até ao dia da sagração. A nova dignidade em nada modificou o seu genero de vida: foi sempre humilde, pobre e mortificado como até alli.

As occupações do episcopado não o impediram d'attender ás necessidades

da sua ordem. Por sua influencia foi eleito abade geral, em sua substituição, Hugues, seu primeiro discipulo. Depois de ter assistido ao concilio de Reims, fez uma viagem a Roma.

No regresso caiu doente; e depois d'uma enfermidade de quatro mezes, morreu a 6 de junho de 1134, tendo 53 annos d'idade, 8 d'episcopado e 14 depois do estabelecimento da sua ordem. O seu corpo foi enterrado nove dias depois da sua morte sem corrupção; e durante todo esse tempo Deus manifestou a gloria d'este grande santo por muitos milagres.

## SECÇÃO NECROLOGICA



Falleceu no dia 9 do corrente mez, em Salreu, a ex.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Maria Henriqueta Barbosa, assignante do *Progresso Catholico*. Era uma senhora muito virtuosa e falleceu, segundo nos informam, com evidentes signaes de predestinação.

Dando os pezames á familia enlutada, pedimos as suas orações aos nossos leitores por alma da finada senhora.

## RETROSPECTO

### Nobilissimas palavras d'um religioso

Frei Gabriel Casanova, religioso franciscano das Missões Philippinas, publicou, com commentarios e notas, a collecção dos sermões que prégou sobre a Eucharistia. Este livro é dedicado a el-rei D. Affonso XIII, d'Hispanha, nos seguintes termos:

«*Senhor!* Quando por indicação de vossa augusta Mãe e mandato de meus superiores, tive a immerecida honra de explicar a Vossa Magestade as verdades do Evangelho, procurei ensinar-lhe, com toda a sinceridade da minha alma, o caminho que Vossa Magestade deve seguir para se salvar e lograr a felicidade da nação, cujo governo a Providencia divina pôz em suas reaes mãos. Ainda sôam aos meus ouvidos as palavras que dirigiu a Vossa Magestade no ultimo dos meus catechismos.

Senhor, — disse então a Vossa Magestade — se, escrevendo-lhe com o carmin do meu sangue a lições e conselhos que n'estos ultimos mezes lhe dei, conseguisse fazer de Vossa Magestade um

rei segundo o coração de Deus, n'este mesmo instante abria as minhas veias, e, com o seu purpureo liquido, consignaria no papel as minhas simples, mas sinceras lições.

E' certo que não se forma o coração d'um rei com quatro bons conselhos, pois as obrigações dos chamados a empunhar o leme d'um reino são muitas, mui pesadas e complexas; não obstante, creio que pôde ser mui util a Vossa Magestade a continua recordação da verdade, que tantas vezes lhe inculquei, e que hoje, como despedida, volto a repetir-lhe.

Não esqueça nunca Vossa Magestade que tem deveres como christão particular e como rei; e que, para alcançar a sua salvação, não lhe bastará cumprir aquelles, descurando o cumprimento d'estes. Deve ser bom para si, e mui-fissimo bom para o seu povo. O titulo de rei catholico, que usa, é um brazão nobilissimo, um timbre de altissima e insuperavel gloria, que impõe a Vossa Magestade gravissimas obrigações para com a Igreja de Deus e para com a Patria hespanhola. Estude-as bem Vossa Magestade para que amanhã as possa cumprir com exactidão. Porque, Senhor, sejamos francos: se o actual rei de Hispanha se perder para sempre, que seria de D. Affonso XIII? Faça a si mesmo esta pergunta com frequencia e não deixe de meditar o pensamento que encerra.

Senhor! o mesmo acrisolado affecto para com a innocente pessoa de Vossa Magestade, que me dictou estas palavras, me impelle a gravar-as aqui, já que não com o sangue de minhas veias, ao menos como testemunho da liberdade evangelica, com que a piedosa Mãe de Vossa Magestade quer que vos falem os encarregados de levantar o edificio da vossa educação religiosa. Grave-as Vossa Magestade na memoria, proceda de harmonia com a verdade que encerram.

Agora, abundando nos mesmos sentimentos de amor, de sympathia e de affecto que a innocencia de Vossa Magestade suscitou na minha alma, quando tive a alta honra de o conhecer e de tratar, ousou pôr á frente d'este modesto livro o nome respeitabilissimo de Vossa Magestade a quem gostosamente o dedico como prova de submissão, de obediencia e do cordialissimo respeito, já que muitas das suas paginas foram escriptas no tempo em que estive ao lado de Vossa Magestade servindo-lhe de humilde capellão.»

### A rainha Victoria é protestante ou catholica?

As viagens da rainha Victoria fazem-se sempre em epoca proxima á Paschoa — circumstancia muito notavel

pelos que veem n'ella mais uma prova da conversão secreta da rainha Victoria ao catholicismo.

A constituição ingleza não lhe permite confessar claramente a sua nova fé, sob pena de perder o throno e até a vida. Mas, ao menos, quer celebrar a Paschoa n'uma igreja da sua escolha, e é isto que todos os annos leva a rainha a uma nação catholica, á Italia ou á Franca.

D'esta affirmacão se tornou echo mais d'um pulpito em Paris, com grande alegria de todos os fieis. Mas esta affirmacão por si só nada prova. Ha outras considerações de maior peso, entre as quaes as seguintes:

A rainha Victoria acerca-se com gosto de catholicos. Sabe-se o acolhimento que fez á familia Orleans. Demonstra as mais altas considerações de amor filial ao Soberano Pontifice, e tem notoria predilecção pela aristocracia e pelo alto clero catholico do seu reino. O duque de Norfolk, que foi o instrumento da conversão de lord Ripon, e o Cardeal Vaughan teem na côrte um posto privilegiado.

O Cardeal Manning era conselheiro sempre escutado.

Taes são os indicios que levam a concluir que, se a Inglaterra não escuta o chamamento do Papa, o mesmo não se pode dizer da rainha Victoria.

—A conversão da rainha de Inglaterra, — dizia n'uma das suas lições na Sorbona Monsenhor Freppel — seria a reparação sufficiente para a Igreja de todos os males, que a heresia lhe causou.

Se pois não ha argumento valioso para mostrar que são catholicas as crenças da rainha Victoria, tambem os não ha para concluir, como querem alguns, que aquella soberana é hoje mais que nunca protestante e inimiga dos catholicos.

### Mais uma conversão

Na aristocracia ingleza causou grande impressão a recente conversão ao catholicismo d'uma senhora da nobre familia Nelson, descendente do almirante lord Nelson, duque de Bronte. A familia Nelson é actualmente composta quasi de *clergymen* que são os ministros do culto. O que torna esta conversão ainda mais notavel, é que um outro *clergiman* precedeu a mãe lady Nelson na sua conversão ao catholicismo.

### Observatorio romano

O Padre Lais, do Oratorio de S. Philippe Nery, vice-director do Observatorio romano, foi nomeado por Sua Santidade representante d'aquelle instituto no proximo Congresso scientifico que ha de realizar-se em Paris.

### Bodas de prata do Centro Catholico Allemão

Celebrou as suas bodas de prata o Centro Catholico Allemão, festejando o 25.º anniversario da sua fundação. Honra a Malinekrodt, a Windthorst e aos dois irmãos Reichenperger, aos quaes se devem a aggremação das forças catholicas e a sua poderosa intervenção no campo politico!

Bismarck tentou destruir a sua obra pela corrupção, offerecendo a Malinekrodt um dos postos mais brilhantes da administração prussiana, e a Windthorst uma situação que lhe assegurava grande influencia, um ordenado de 100:000 marcos e uma larga pensão á sua familia. Ambos recusaram nobremente, apesar de terem ambos uma mediocre situação de fortuna.

### Leão XIII e os grandes estados

No Instituto Archeologico de Berlim Erback Fuerstenau, que traz entre mãos uma *Historia das Artes*, foi até Roma, a fim de estudar certos monumentos litterarios como subsidios para a sua obra. Leão XIII facilitou ao sabio allemão a bibliotheca, archivos e museus do Vaticano.

### Glorificação d'um missionario

Na capital de Guatemala acaba de erigir-se uma estatua ao celebre missionario e Bispo, da Ordem dominicana, Padre Bartholomeu de las Casas, Bispo de Chiapa, como protector dos indigenas americanos. Pronunciaram-se discursos em *cachigual* e *castelhano*. Foi a esposa do presidente do republica de Guatemala quem descobriu a estatua.

### As Ordens religiosas e os Reis de Hespanha

No dia 17 do corrente mez, anniversario natalicio de S. M. D. Affonso XIII, rei de Hespanha, foram ao Palacio do Oriente cumprimentar os monarchas, além do mundo official e aristocratico, os representantes de todas as Ordens religiosas existentes em Madrid.

### Egreja em Tunis

Por diligencia das irmãs franciscanas missionarias de Maria foi construida e sagrada ha pouco em Tunis uma bella egreja de estylo romano, dedicada ás lagrimas de Santa Monica e edificada no sitio onde a mãe de Santo Agostinho chorou a partida do seu filho.

### Um sabio jesuita

Foi nomeado socio correspondente da academia real da Belgica (secção de letras) o Padre De Smedt, da benemerita Companhia de Jesus, um dos continuadores da monumental obra dos *Bollandistas*. O Padre Smedt é um dos primeiros historiadores ecclesiasticos do nosso seculo.

### Os Padres trappistas

Os Padres trappistas da missão de Manica, que muito concorreram para o desenvolvimento agricola e industrial d'aquella região, estão aprendendo a lingua portugueza para melhor poderem exercer as suas funcções.

### Leão XIII e o rei de Hespanha

No dia 15 do corrente o Santo Padre recebeu em audiencia, no Vaticano, o embaixador de Hespanha, sr. Merry Val, que entregou ao augusto Pontifice um retrato a oleo, em tamanho natural, de seu afilhado o rei de Hespanha, D. Affonso XIII.

### O Cardeal Vaszary

No discurso que, por ocasião do millenario da Hungria, o Em.<sup>mo</sup> Cardeal Vaszary dirigiu ao imperador Francisco José, leem-se estas palavras:

«Chegamos ao seculo X da nossa existencia. Com letras d'ouro e sangue se escreveram os acontecimentos passados. Os nossos olhos não podem rasgar o veu do futuro. Com a espada ganhámos esta patria; com a cruz a conservaremos. Aceitando a fé christã entrou a Hungria na comunidade europeia, sem renunciar á sua nacionalidade.»

### Agitação na Austria-Hungria

A celebração do millenario hungaro deu occasião a violenta opposição das diferentes nacionalidades estabelecidas no solo hungaro. Romanicos, tchecos, slovenos, servios e allemães protestam contra as festas de Budapest. Os estudantes das universidades de Vienna e de Praga fizeram ruidosas manifestações, injuriando o ministro da instrucção publica, o reitor da universidade e os judeus. A niversidade de Vienna, como quasi todo o ensino superior austriaco, está nas mãos dos judeus, havendo n'ella 55 professores judeus.

O judaismo alliado á maçonaria trabalha ha 30 annos para deschristianisar o reino de Santo Estevão. O systema oppressor do liberalismo hungaro contra as diversas nacionalidades suscitou violentos rancores. Essas nacionalidades que representam mais de um terço da população reclamam o seu quinhão d'autonomia e recusam-se a ser absorvidas pelo elemento magyar.

Por todo o imperio soa cada vez mais forte o grito de guerra ao judeu açambarcador da riqueza pela usura e pela rapina e perseguidor das crenças christãs.

### Peregrinação belga a Lourdes

Esteve em Lourdes uma peregrinação belga que occupava cinco comboios e trouxe 230 doentes, transportados quasi todos gratuitamente.

No proximo anno espera-se que seja ainda mais numerosa a peregrinação e ha ideia de construir um wagon hospital cuidadosamente disposto para o transporte de doentes, abrangendo cozinha, gabinete do medico, pharmacia e capella.

Juntaram-se á peregrinação belga outras vindas da Hollanda e do Jura, de modo que no primeiro de maio estavam em Lourdes alguns milhares de romeiros e perto de 400 doentes, admiraveis pela fé e pela paciencia.

Houve numerosas curas miraculosas, verificadas pelos medicos presentes.

## O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente  
Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 12000 reis—Estados da India, China, e America, 12280 reis, moeda portugueza—  
Numero avulso 100 reis.

### As assignaturas são pagas adeantadamente

O que se refira á redacção deve ser enviado a

Manuel Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74—PORTO.

O que se refira á administração (pagamento d'assignaturas, pedidos de livros, mudança de direcção, etc.) a  
Vicente Fructuoso da Fonseca, na rua da Picaria, 74—PORTO.